

A edição de número 36 da Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo publica textos que abordam a literatura em relação com a história e a memória, estabelecendo um diálogo necessário e relevante para a análise dos textos literários. Beatriz Sarlo já alertou para o caráter conflituoso do passado em decorrência do embate entre a história e a memória e das relações de dúvida e desconfiança entre o fato histórico e a lembrança decorrente da experiência individual e subjetiva. Nesse sentido, também podemos mencionar Zadie Smith para afirmar que cada momento, cada história, acontece duas vezes: por dentro e por fora, e eles são duas histórias diferentes...

O primeiro artigo a integrar esta edição é de autoria de Eliziane Navarro e Marcelo Ferraz. Com o título de **COBRIR E MOSTRAR A CARA: A RECUPERAÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO NO SÉCULO XXI EM TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR E FORMAS DE VOLTAR PARA CASA DE ALEJANDRO ZAMBRA**, o texto procura desenvolver uma reflexão sobre o romance histórico analisando as obras de Itamar Vieira e Alejandro Zambra, destacando que “Embora tempo, espaço e contexto – tanto o de publicação quanto o presentificado pelos fatos históricos plasmados nas narrativas – sejam bastante diferentes, as duas obras se aproximam na medida em que servem ao resgate da memória de um aglomerado de sujeitos cujas ações deram a tônica para a construção dos fatos históricos, mas ficaram à margem da história oficial.”

**NARRAÇÃO E MEMÓRIA: A HERANÇA DE EVANGELINA EM AZUL-CORVO**, título do artigo de Thayná Cavalcante Marques e Larissa Warzocha Fernandes Cruvinel, problematiza a questão de que a “literatura contemporânea e o romance contemporâneo, por extensão, não precisam fundamentalmente representar a atualidade, mas se compreender nela”. Nesse sentido, há uma preocupação em pensar a posição desse narrador contemporâneo, produzido em um contexto para pensar o presente e seus problemas, considerando seus posicionamentos ideológicos e a crise de identidade na sociedade contemporânea. Ao se proporem a analisar a obra de Adriana Lisboa publicada em 2010, Marques e Cruvinel pretendem “discutir e compreender a maneira pela qual essa narradora herdeira de uma memória intergeracional, se posiciona e se completa, a fim de compreender não só a história individual, subjetiva, uma memória-interna (subjetiva, de experiência, específica da narradora-personagem), como uma memória-externa (coletiva/social), no sentido também de compreender a história do Brasil, entender a coletividade que contribui para a formação de identidade dela.”

Janaína Buchweitz e Silva e Claudia Lorena Fonseca trazem um estudo a partir do livro-reportagem **Cova 312**, da jornalista Daniela Arbex publicado no ano de 2002. **A ESCRITA COMO CONTRAPONTO AO ESQUECIMENTO: TESTEMUNHO E MEMÓRIA TRAUMÁTICA EM COVA 312** “não se configura como romance-reportagem no sentido

mais corrente do termo, apesar do tom narrativo, muitas vezes lírico, pois não ficcionaliza de fato o real, entre outros motivos, porque a narrativa tem seu fluxo interrompido pelas imagens a cada final de capítulo, como a nos lembrar que de reportagem se trata. No entanto, dialoga com o romance-reportagem brasileiro do período ditatorial no sentido em que a partir do dado factual opera como denúncia das atrocidades cometidas no período da ditadura civil-militar no Brasil, dando a conhecer os fatos ocorridos nesse período, operando também no sentido de não deixar que estes sejam esquecidos, aproximando-se, portanto, do gênero romance-reportagem.”

**A MEMÓRIA DA DITADURA EM DOIS ROMANCES LATINO-AMERICANOS: A LOUCURA E A GLÓRIA**, de Analice Sousa Gomes e Renata Rocha Ribeiro, procura “evidenciar as diferenças e semelhanças estéticas do uso da memória nos romances *Bêbados e sonâmbulos*, de **Bernardo Carvalho**, e *Duas vezes junho*, de Martín Kohan, partindo da concepção de memória apresentada por Henri Bergson em *Matéria e memória* (1999)”. As memórias individuais convergem para o cenário histórico do período das ditaduras da segunda metade do século XX no Brasil e na Argentina e procuram problematizar a relação dos indivíduos com a perspectiva mais ampla da opressão, visto que o sofrimento individual não pode ser diluído e a experiência da dor sufocada por relatos objetivos da história oficial. Ao se situar nesse campo de leitura, a análise evidencia que “a fragmentação e os recortes do narrado pelas personagens produzem importante efeito estético para a representação de memórias traumáticas.”

Jehni Penning e Helano Jader Cavalcante Ribeiro apresentam o artigo **NO MEIO DOS ESCOMBROS, A MEMÓRIA. SHOAH E O TRAUMA NA QUEDA**. O estudo se propõe a analisar o romance *Diário da Queda* publicado em 2011, de autoria de Michel Laub, considerando os conflitos das personagens e as questões que envolvem o trauma decorrente do contexto da Segunda Guerra Mundial. As memórias da guerra e o horror ainda se fazem presentes e se constituem em campo de reflexão necessário para pensar o passado, o presente e o futuro, considerando um passado que teima em se reinventar e negar a si mesmo, o que acaba por corromper a subjetividade e fazer emergir o trauma como uma constante, marcado pela angústia da sua permanência. Penning e Ribeiro afirmam que “o que está em questão é o próprio modo de construção da narrativa, que põe em evidência a memória e o modo como ela aparece nas recordações do narrador. A escrita, dessa maneira, atua em conjunto com a memória. Como sabemos, o passado é recordado em parcelas e essas lembranças fragmentadas aparecem no livro, demarcando essa descontinuidade em representar esse mesmo passado.”

**OS ESCRITOS CRÍTICOS E POLÍTICOS EM MEMÓRIA POR CORRESPONDÊNCIA (2016), DE EMMA REYES**, artigo de Christine Gryscek e Altair Martins, visa o estudo do romance epistolar que reúne vinte e três cartas de Emma Reyes. Escritas para o amigo Germán Arciniegas entre 1969 e 1997, as cartas “contam a infância de Emma, com detalhes preciosos, em uma tentativa de reconstrução e apresentação do seu passado em um registro externo, para além das lembranças carregadas em sua cabeça. Emma configura sua narrativa como uma escrita modelável, em que os traços de dureza são associados a pontos delicados e ao seu senso de humor. Assim, a escritora constrói para seu amigo, e depois para os demais leitores, um retrato seu quando criança, em um recorte específico de sua vida e experiências

na Colômbia além de, em conjunto, apresentar o funcionamento de instituições sociais.”

Luciane Botelho Martins assina o artigo intitulado **ACONTECIMENTO DISCURSIVO EM MAFALDA: ECOS DA MEMÓRIA DO CICLO DE –AZOS**, que tem como objetivo abordar a memória dentro do acontecimento discursivo, refletindo a partir dessa abordagem sobre o gênero híbrido da tirinha do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado - o Quino -, criador da personagem Mafalda. Martins destaca que “Através de Mafalda, Quino apresenta uma nova forma de ‘fazer tirinha’, pois suas personagens refletem as diferentes formas de pensar os conflitos, as angústias e as inquietudes da sociedade. Decorre daí uma abordagem distinta das personagens, as quais são tomadas tanto sob o ponto de vista psicológico quanto sob o ponto de vista social, refletindo, dessa forma a realidade argentina, mesmo que essa realidade corresponda a de uma parcela dessa sociedade – aquela que se autodeclarava como classe média.”

**MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA NA POÉTICA DAS ESCOLAS DE SAMBA**, artigo de Jackson Raymundo, parte do reconhecimento do desejo e da importância das comunidades periféricas contarem a sua própria história, de apresentarem uma reflexão sobre si a partir das suas próprias experiências, vivências e produções culturais. Os desfiles das escolas de samba, portanto, é mais do que as Folias de Momo, constituindo-se “como arte no sentido pleno da palavra. Amalgamando diferentes linguagens artísticas e midiáticas - a música, a dança, a poesia, as artes visuais, o teatro, o circo, a robótica, o cinema, a moda etc. -, as escolas de samba consolidaram um *gênero artístico* novo.” Essa abordagem que dialoga com uma espécie de ópera popular - por agregar vários gêneros em um único momento, espaço, vivência - é entendido por Raymundo da seguinte maneira: “sublinha-se que é no que pese as escolas de samba terem vida ao longo do ano e ser o desfile precedido de muitos ensaios e do trabalho de diversos setores, é na avenida que ele se concretiza. Não há alegoria, samba-enredo, encenação de comissão de frente ou bateria que se realize fora da passarela, no tempo estipulado.”

Em **A REPRESENTAÇÃO DA TORTURA EM DOIS CONTOS DE JÚLIO CÉSAR MONTEIRO MARTINS: “O MÉTODO” E “A POSIÇÃO”**, Arnaldo Franco Junior aborda a tortura como um elemento articulador da narrativa, preocupando-se com o aspecto da sua banalidade, do entendimento de que essa relação entre os indivíduos a partir do poder de um sobre o outro torne esse tipo de violência aceita sem maiores constrangimentos ou impactos sobre a sociedade. Os contos produzidos no contexto dos anos de 1970 (*O método e A posição*) se situam como denúncia sobre essa normalidade da prática da tortura. Franco Jr conclui que o “problema da representação da tortura nos dois contos analisados nos permite observar a injunção da dimensão ética sobre a dimensão estética no caso da representação do extremo. A tortura, assim como o corpo morto ou degradado, é um extremo vincado pela violência e sua representação impõe questões éticas para os usos que um escritor ou artista faz de seu material de trabalho.”

**ÉTICA, CEGUEIRA MORAL E MODERNIDADE LÍQUIDA: DISCUSSÕES A PARTIR DE JOSÉ SARAMAGO E ZYGMUNT BAUMAN** é o artigo que encerra esta edição da *Literatura e Autoritarismo*. De autoria de Mariana Costa Nascimento e Terezinha Oliveira, o trabalho aproxima o romance de Saramago - *Ensaio sobre a cegueira* - do conceito de *cegueira moral* de Bauman. O propósito da discussão se ampara na problematização da perda

---

dos vínculos sociais a partir do projeto de civilização, “já que a dissolução dos vínculos humanos, de princípios éticos e de solidariedade, permeia a literatura. O livro narra a história de uma epidemia de cegueira branca que se espalha pela cidade causando situações caóticas. A cegueira vivenciada pelos personagens da literatura, não é decorrente de problemas físicos, mas está relacionada a perda de sensibilidade ao sofrimento dos outros, ou seja, trata-se de uma cegueira moral.”

Agradecemos a confiança dos pesquisadores que disponibilizaram seus textos para integrarem esta edição da Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo e esperamos que a publicação consiga levar essas temáticas e discussões a leitores interessados que, por sua vez, continuem a construir espaços para diálogos com base em um pensamento livre e consciente.

**João Luis Pereira Ourique**  
**Cláudia Lorena Vouto da Fonseca**  
**(Organizadores)**